

HABILIDADE DE COMUNICAÇÃO E AUTONOMIA NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Communication ability and autonomy in English language learning

Patrícia Cristina Capelett Teixeira¹

RESUMO: No presente trabalho, faremos uma breve discussão sobre a autonomia de alunos do Programa de Ensino de Língua (PEL), localizado em Cascavel – Paraná, em relação à habilidade de comunicação. Para isso, aplicamos um questionário para verificar qual a habilidade que estes alunos possuem maior dificuldade. Na sequência, analisamos nas respostas dos alunos quais as estratégias utilizadas por eles que contribuem para o aprimoramento da referida habilidade linguística. Apoiamo-nos em Holec (1991), Little, Belém (2012) para questões conceituais de autonomia. No que se refere à habilidade de comunicação, utilizamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). No trabalho, verificamos que “falar” é a competência avaliada pelos alunos como a mais difícil. Quanto aos instrumentos mais utilizados por eles, encontramos: “música”, “filmes” e “seriados”. Nessa perspectiva, observamos poucas atitudes autônomas nos alunos que contribuem para o melhoramento da produção oral.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação, Autonomia, língua Inglesa.

ABSTRACT: In this study, we will briefly discuss about autonomy of PEL's students, located in Cascavel – Paraná, in relation to the ability of communication. For it, we applied a survey to verify which ability the students think it is the most difficult one. After that, we analyzed on the student's answers which strategies are used by them that contribute to the improvement of the ability the students thought as the most difficult. We are theoretically based on Holec (1991), Little (1991) and Belém (2012), for conceptual autonomy issues. Regarding to communication skills, we use the National Curriculum Parameters (PCNs). At this work, we discover that "speak" is the competence assessed by students as the most troublesome. Concerning the most instruments used used by them, we find: "music", "movies" and "series". In this perspective, we note a few autonomous attitudes in students that contribute to the improvement of oral production.

KEYWORDS: communication, autonomy, English language.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: patriciacapelett@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Aprender um segundo idioma não é uma tarefa simples. Antes de tudo é necessário ter vontade de querer aprender, para então, escolher questões práticas e metodológicas, como exemplo: qual escola, qual método, quanto tempo ter disponível para se dedicar ao idioma, entre outros aspectos.

Desde que comecei a exercer a profissão de professora de inglês (período ainda que aluna da graduação em Letras), tenho notado que o número de alunos que se matriculam no PEL (Programa de Ensino de Língua) é alto; porém, a desistência destes ao longo do período é preocupante.

Assim, vários questionamentos me incomodam e me fazem querer saber o que acontece durante o processo de ensino e aprendizagem e onde posso melhorar para que os alunos não se percam pelo caminho.

Durante o processo de ensino e aprendizagem do idioma, em específico do Inglês, dificuldades aparecerão. Os desafios que surgem durante o processo podem estar relacionados com as habilidades de leitura e de escrita, bem com a de escutar e a de falar. Para este trabalho, destino minha atenção às dificuldades que os alunos encontraram quanto à habilidade de comunicação, ou seja, a fala.

No entanto, os alunos nem sempre apresentam as mesmas dificuldades no que diz respeito à mesma habilidade. Dito em outras palavras, alunos podem achar difícil lembrar qual vocábulo utilizar para se expressar, outros podem se sentir mais tímidos, entre outras justificativas. Todos esses fatores podem ser aspectos que desmotivam e, conseqüentemente, culminando a desistência de aprender um novo idioma.

Assim, acredito que saber aconselhar positivamente, ajudar em como identificar fragilidades, orientar estratégias para que os alunos possam aprender de forma mais eficaz a língua inglesa, desenvolvendo, assim, um comportamento mais autônomo é, de fato, papel do professor. Não defendo o posicionamento que o professor é o centro no processo de ensino e aprendizagem, longe disto. Acredito que juntos, professor e aluno, possam trabalhar em conjunto para que ações sejam tomadas visando à qualidade de ensino.

Nesse sentido, algumas perguntas conduzem nossa pesquisa, das quais: a) Qual são os aspectos na habilidade de “falar” que os alunos avaliam como difíceis de aprimorar? b) Como nós, professores, podemos ajudar os alunos a superar essas dificuldades? c) Desenvolver a autonomia para estudar o idioma ajudaria estes a permanecerem motivados para o idioma? d) Como podemos promover a aprendizagem autônoma da Língua Inglesa (doravante LI)?

Diante do exposto, esta pesquisa busca desvelar as dificuldades identificadas pelos alunos em relação à aprendizagem da LI e, em específico, a fala. Além disso, quais estratégias utilizam para superar a dificuldade avaliada com o objetivo de destacar o papel importante do comportamento autônomo.

2 ALUNOS DA PESQUISA, O PEL

O Programa de Ensino de Línguas (PEL) tem por finalidade, conforme explica o regulamento aprovado em 2002 pelo Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), fortalecer relação entre o meio acadêmico e a comunidade e, para isso, oferece cursos de diferentes idiomas: Alemão (Básico e Pré-intermediário), Espanhol (Básico, Pré-intermediário, Intermediário), Francês (Básico, Pré-intermediário, Intermediário), Língua Portuguesa (Gramática, Redação Técnica para Concursos e Português para Estrangeiros), Inglês adulto (Fundamental, Básico, Pré-intermediário, Intermediário, Pós-intermediário, Avançado, Conversação, Instrumental), Inglês TEEN (Fundamental, Básico, Intermediário e Pré-intermediário) Inglês kids (Kids II, Kids III e Kids IV) Italiano (Básico, Pré-intermediário, Intermediário e Conversação).

Além disso, o Programa também busca colaborar com os Cursos de Letras da UNIOESTE na medida em que poderá ofertar cursos de extensão em Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras, como também serviços de assessoria em redações de monografias, dissertações, teses, projetos e outros afins, e de tradução. Cabe ao PEL também promover intercâmbio com embaixadas, instituições culturais e universidades nacionais e estrangeiras e também atividades de extensão que destaquem as manifestações artísticas, literárias, culturais e históricas de culturas estrangeiras. (CEPE, 2002).

Hoje, além dos cursos tradicionais de línguas voltados para a comunicação (Alemão, Francês, Espanhol, Inglês, Italiano, Mandarim-Chinês), o Programa oferece curso Instrumental de Inglês, curso preparatório de inglês para Exames Internacionais - IELTS, curso de Gramática da Língua Portuguesa e o curso de Português para Estrangeiros.

Outras atividades como eventos científicos e culturais recebem apoio do PEL. Destacam-se as seguintes atividades: Ciclo de Comunicação em Letras I e II. I Seminário em Estudos da Linguagem: Formação Docente e Tecnologia. II Seminário em Estudos da Linguagem: Pluralidade Cultural e Identidade. Amostra Cultural 2004 e 2005, projeto Mural de Poesias.

Nesse sentido, várias atividades são oferecidas pelo PEL e seus colaboradores são, em sua maioria, realizados por acadêmicos do curso de Letras e/ou recém-formados. O aluno que está interessado pelo curso opta pelo idioma, que é realizado uma vez por semana pelo período de duas horas consecutivas, paga uma taxa única anual e adquire o livro pela livraria indicada na secretaria do Programa.

Diante do exposto, percebemos que há a necessidade de pesquisas em relação ao ensino e aprendizagem no PEL. Devido à escassez de investigações desse público-alvo, avaliamos a importância de olharmos para esse contexto e propor ações para que o ensino ofertado seja ainda de maior qualidade. Desse modo, a finalidade de promover a inter-relação: pesquisa-ensino-extensão estará ainda mais forte, pois estaremos refletindo sobre nossa realidade.

Na sequência, esboçamos brevemente o apoio teórico desta pesquisa. Primeiramente, realizo algumas considerações acerca da habilidade de comunicação no ensino de LI nas escolas públicas, por meio do aporte teórico presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto à língua estrangeira.

3 COMUNICAÇÃO, UMA DAS HABILIDADES LINGÜÍSTICAS

A habilidade de falar, de se expressar no idioma em questão, requer que pensemos no contexto brasileiro da educação. Esta competência parece que ainda não ocupa um lugar importante dentro das salas de aulas. Uma das justificativas que

podemos considerar é o fato de supervalorizar a escrita em detrimento da oralidade. Além disso, observamos que a numerosa quantidade de alunos em sala de aula prejudica um plano de ação mais forte em relação à habilidade de se comunicar em inglês.

Os PCNs (1998) apontam para algumas circunstâncias que encontramos no ensino e aprendizagem da língua estrangeira, das quais citamos:

falta de materiais adequados, classes excessivamente numerosas, número reduzido de aulas por semana, tempo insuficiente dedicado à matéria no currículo e ausência de ações formativas contínuas junto ao corpo docente (BRASIL, 1998, p. 24).

Diante do breve exposto, fica evidente que muitos são os desafios que encontramos para que possamos promover a produção da oralidade em sala de aula. No entanto, também precisamos pensar sobre os espaços sociais que requerem o seu uso, ou seja, que contribuem como fatores motivadores para que os alunos busquem querer aprender a como se expressar no idioma.

Para que possamos incentivar a prática da oralidade, nós poderíamos retomar conhecimentos do aluno em relação aos mecanismos da fala em língua materna a fim de conscientizar quais os recursos da oralidade. É exemplificado nos PCNs (1998) que

um falante estabelece uma produção oral a partir do momento em que emite uma cadeia de sons significativos, cuja estruturação mental se dá num espaço de tempo reduzido, sujeito a hesitações e adequações para garantir a comunicação. Logo, o aluno de Língua Estrangeira deve ser incentivado a perceber que a situação de interação oral, em especial a face a face (BRASIL, 1998, p. 102).

Nesse sentido, o aluno toma consciência dos mecanismos que são requeridos na produção oral e passa a refletir sobre a sua oralidade. Pensar nos objetivos da interação social, qual o seu contexto e quais são os participantes do processo de fala são partes imprescindíveis para que a competência oral seja aprimorada.

O papel do professor é fundamental em todo o percurso de ensino e aprendizagem, o qual abrange tanto o desenvolvimento quanto o aprimoramento de atitudes. Ademais, torna-se necessário a intervenção do professor em relação às orientações sobre como organizar e lidar com o material de estudo, como desenvolver

atitudes de pesquisa e de reflexão sobre as descobertas, para promover a autonomia do aluno, sem a qual se torna mais difícil garantir avanços (BRASIL, 1998).

4 AUTONOMIA, UMA HABILIDADE

A partir do exposto sobre a produção da oralidade em sala de aula, consideramos que a autonomia no ensino e aprendizagem é indispensável, principalmente se considerarmos o contexto educacional brasileiro. O aluno que aprende o idioma como uma língua estrangeira tem dificuldade de manter contato com a língua quando está fora da sala de aula. Nessa perspectiva, é imprescindível que o aprendiz busque, por meio de suas próprias condições, instrumentos para que a prática ocorra. Assim, esforço e dedicação podem contribuir para que o aprendiz adquira uma melhor competência nas habilidades linguística.

Belém (2012), em sua dissertação, traz definições do conceito de autonomia. Primeiramente ele retoma a conceituação de Holec (1981 apud BELÉM, 2012), que define a autonomia como “a habilidade de ser responsável pela sua própria aprendizagem”². Nesse sentido a autonomia é considerada uma habilidade, logo, podemos considerar que ela é passível de ser aprimorada. Conforme explica Belém (2012), apesar de Holec ter desenvolvido seu trabalho apenas com adultos, a questão entrou em evidência em outros ambientes, inclusive com faixas etárias diferentes.

Little (1991) defende a autonomia como uma atitude do aprendiz, e não com uma metodologia. Para o autor (LITTLE, 1991, p. 03),

autonomia é a capacidade – de distanciamento, reflexão crítica, tomada de decisão e ação independente. Pressupõe, mas também requer, que aprendizes desenvolvam uma relação psicológica especial com o processo de aprendizagem do conteúdo. A capacidade de autonomia será mostrada tanto na maneira como aprendizes aprendem quanto no modo como ele ou ela transfere aprende em contextos maiores³.

² No original: “The ability to take charge of one’s own learning”.

³ No original: “autonomy is a capacity - for detachment, critical reflection, decision-making, and independent action. It presupposes, but also entails, that the learner will develop a particular kind of psychological relation to the process and content of his learning. The capacity for autonomy will be displayed both in the way the learner learns and in the way he or she transfers what has been learned to wider contexts”.

Como dito acima, Little (1991) explica que a autonomia requer aspectos que vão além da sala de aula. Pensando no contexto escolar, é necessário que os alunos pensem sobre o conteúdo que estão aprendendo, que reflitam criticamente que tomem decisões de forma independente. Não é uma habilidade simples, como podemos observar, pois envolve também a relação que o aprendiz realiza em contextos mais abrangentes.

Assim, proponho-me em observar como os alunos desempenham o comportamento autônomo na sala de aula no que se refere ao enfrentamento de dificuldades.

5 ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Para que possamos compreender como elaboramos o questionário, iremos apresentar a estrutura apresentada ao aluno. Não nos interessamos pelos nomes dos alunos, pois os dados pessoais deles não iriam interferir na interpretação dos dados.

Quadro 1 – Apresentação da estrutura ao aluno

<p>Caro (a) aluno (a),</p> <p>Peço a sua colaboração e consentimento para responder a este questionário, instrumento que utilizarei em minha pesquisa de Doutorado.</p> <p>Ele é extremamente importante para que a pesquisa seja realizada e ajudará a compreender aspectos em relação à aprendizagem da Língua Inglesa e como poderíamos melhorar nossa prática aluno-professor, em específico, também, sua autonomia ao ensino.</p> <p>Informações pessoais, como nome, idade, turma, não serão divulgadas.</p> <p>Assinatura do aluno _____</p> <p>Obrigada por sua participação,</p>

Fonte: elaborado pela autora

Na sequência, requisitamos informações pessoais quanto ao aprendizado da LI bem como experiências com o idioma. Para não tomar muito espaço, listamos as perguntas, como podemos ver a seguir:

Quadro 2 – Questionário

1. Já estudou Inglês? Não (), Escola regular (), Sim (Escola de idiomas) (). Quanto tempo?

2. Por que você decidiu estudar Inglês? Qual sua motivação?

3. Desde que você começou ao curso, está satisfeito com sua evolução? Sim(), Não (). Por quê?

4. Quais eram suas expectativas em relação ao aprendizado da língua Inglesa? E agora, o que você avalia que precisa ser feito para melhorar seu nível?

5. Você acha que o material utilizado em sala é adequado? () Sim, () Não. Por quê?

6. Marque em cada uma das habilidades, as opções que indicam em que você sente dificuldade para aprender a língua Inglesa. Sugira outras hipóteses no espaço indicado.

- Quanto à habilidade de escrever:

- quais palavras devo colocar para completar minhas frases;
- como escrever adequadamente (ortografia padrão);
- aspectos gramaticas, como a ordem das palavras;
- outros:

- Quanto à habilidade de ler:

- medo/insegurança de pronunciar errado;
- entender o que está lendo (interpretar);
- significado de palavras (vocabulário);
- outros:

- Quanto à habilidade de escutar:

- rapidez;
- sotaques;
- palavras desconhecidas;
- outros:

-Quanto à habilidade de falar:

- timidez, vergonha;
- pronúncia;
- não lembrar vocabulário para se expressar;
- outros:

7. Qual das habilidades você tem maior dificuldade? Enumere de 1 (mais dificuldade) a 4 (menor dificuldade) e justifique de acordo com a sua realidade de estudo (tempo, interesse, gosto...)

() escrever; () ler; () escutar; () falar

Justifique: _____

8. Você gosta das aulas? Acha que poderiam ser mais motivadoras? Como?

9. O que você faz fora da sala de aula para praticar/melhorar

- Filmes;
- Seriados;
- Músicas;
- Vídeos no YouTube;
- Dicionários;
- Internet;
- Gadgets em inglês;
- Aplicativos;
- outros:

Fonte: elaborado pela autora

Com base nessas perguntas e análise das respostas pudemos observar alguns aspectos que iremos discutir na sequência. Destacamos que realizamos um recorte a fim de que pudéssemos investigar com mais especificidade o tópico que pretendíamos analisar. Para esse trabalho, nesse sentido, iremos tratar sobre autonomia no que se refere à habilidade de comunicação.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Em nossa pesquisa, tenho como base casos concretos de minha experiência em sala de aula, durante o período letivo em 2016, para que eu possa investigar a temática que proponho neste trabalho: a autonomia no ensino e aprendizagem da LI relacionada à dificuldade de produção oral.

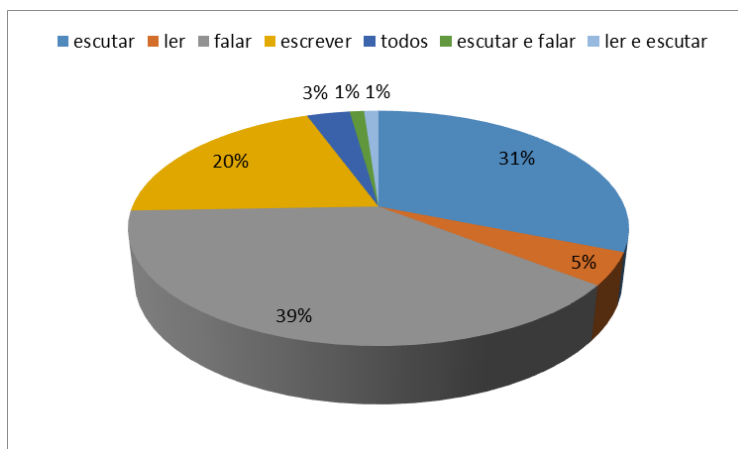
O corpus se constitui de 90 questionários que foram respondidos por alunos do Programa de Línguas (PEL), localizado em Cascavel, Paraná. Trata-se de um Programa vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), que tem por finalidade apoiar as atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão e promover a interação da Universidade com a sociedade através da oferta de cursos de línguas à comunidade interna e externa.

Os alunos que responderam ao questionário são residentes de Cascavel e região, no Paraná. Os níveis variam do Fundamental até Intermediário, seguindo os livros Top Notch, da editora Pearson. A faixa etária também é diversificada, pois atendo alunos criança, adolescente e adulto, sendo este último grupo com número maior de alunos. Assim, durante o processo de análise, serão feitos recortes para que a pesquisa fique com maior objetividade.

O propósito desta análise, primeiramente, é verificar se os alunos em estudo são capazes de se auto avaliar. Para isso, responderão a um questionário que contém 09 questões, dentre elas: “Qual das habilidades você tem maior dificuldade? Enumere de 1 (mais dificuldade) a 4 (menor dificuldade) e justifique de acordo com a sua realidade de estudo (tempo, interesse, gosto...) () escrever; () ler; () escutar; () falar. Justifique”. Desse modo, teremos um panorama de qual das habilidades é considerada como a mais difícil para os alunos.

Nessa parte da pesquisa, constatamos, como havíamos suposto que a maior dificuldade relatada pelos alunos é a fala. Como mostramos a imagem a seguir.

Gráfico 1 – resultado do questionário



Fonte: elaborado pela autora

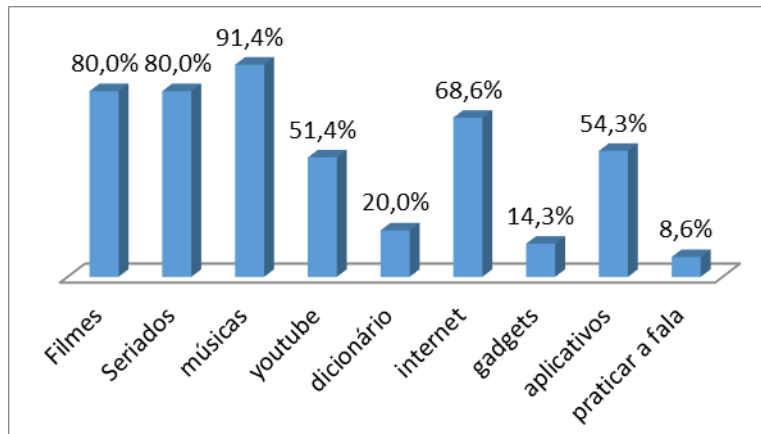
Como podemos observar acima, de 90 questionários, 35 afirmaram que “falar” corresponde à habilidade com maior dificuldade, representando 39%. Em segundo lugar, temos “escutar”, com 28, totalizando 31%. Na sequência apareceram as habilidades de “escrever” (18), com 20%, e “ler” (4), com 5%. Na pesquisa constatamos algumas variações de respostas: três alunos responderam que têm dificuldade em todas as habilidades (3%); um com dificuldade em “escutar e falar”, e outro em “ler e escutar”. Assim, com base nesses dados, pudemos confirmar que a competência oral é a mais difícil.

Analisamos que o “falar” e o “escutar”, as habilidades com maior recorrência, são competências que estão inter-relacionadas, pois para que possamos nos expressar no idioma é necessário a compreensão auditiva anteriormente ao ato da fala. Assim, é imprescindível que alunos escutem o próximo (colega, professor, o outro) para que então acionem os mecanismos mentais para organizar suas falas. Em sala de aula, vemos que esse tipo de atividade é pouco produzido, devido aos fatores contextuais de ensino que já citamos.

Como segundo passo, selecionamos os 35 questionários que responderam “falar” como a habilidade em que os alunos têm maior dificuldade. O objetivo é analisar quais

atitudes e/ou ferramentas eles têm e/ou utilizam que pudessem auxiliar na dificuldade que eles se auto avaliaram. Esperamos que possamos encontrar indícios que evidenciam a autonomia dos alunos. Para isso, analisamos a seguinte pergunta: “O que você faz fora da sala de aula para praticar/melhorar?”. Os resultados estão expressos no gráfico a seguir.

Gráfico 2 – “O que você faz fora da sala de aula para praticar/melhorar?”



Fonte: elaborado pela autora

Conforme podemos constatar no gráfico acima, a prática que os alunos utilizam com maior frequência é escutar músicas (32), totalizando 91,4%. Em segundo lugar ficaram os instrumentos: “filmes” e “seriados”, os quais têm mesmo número de alunos (28), totalizando 80%. Em terceiro, a “internet” é a ferramenta que é utilizada por 24 alunos, totalizando 68,6%. O uso de aplicativos é utilizado por 19 alunos, representando 54,3%. Já o “YouTube” (como meio para aprimorar a aprendizagem) é acessado por 18 alunos, 51,4%. O “dicionário” não é tão comum para alunos, visto que apenas 7 alunos disseram que o utilizam, 20%. Em penúltimo lugar, 5 alunos disseram que têm configurações em dispositivos eletrônicos no idioma, os “gadgets”, totalizando 14,3%. E por último, apenas 3 alunos afirmaram que praticam a fala de alguma forma (8,6%), seja conversando com amigos, sozinhos ou com colegas que também falam em inglês.

Com base nesses resultados, observamos que o fato de que os alunos escutarem de formas variadas o idioma (música, filme, seriados) não contribuem para que a competência da fala seja aprimorada. Acreditamos que para que o aluno possa aprimorar

a produção oral é necessário que haja a prática dessa habilidade, ou seja, escutar e falar; falar e escutar. Tal atividade de comunicação, esperamos assim, irá contribuir para a superação desta dificuldade relatada pelos alunos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos apresentar o contexto de um grupo de alunos do PEL, situado em Cascavel – PR, na Unioeste, a fim de promover a reflexão sobre a autoavaliação dos alunos em relação às dificuldades no ensino e aprendizagem do inglês.

Constatamos que o “falar” é a competência mais dificultosa. Deve-se a isto, talvez, o escasso tempo em que os alunos têm para aprimorar a produção oral. Analisamos também que apesar de realizarem várias atividades em que praticam a audição (músicas, filmes, seriados); há a necessidade de promover a prática de conversação entre os alunos, isto é, escutar, interpretar o contexto, para então se expressar no idioma.

Esperamos que nossas investigações contribuam para que pesquisadores e professores reflitam também sobre a prática em sala de aula e o que podemos fazer para ajudar os alunos a tomarem atitudes mais autônomas em relação à aprendizagem do inglês, pois aconselhar positivamente, ajudar em como identificar fragilidades, orientar estratégias para que os alunos possam aprender de forma mais eficaz a LI, desenvolvendo, assim, um comportamento mais autônomo é, de fato, papel do professor.

8 REFERÊNCIAS

BELÉM, B. **Estratégias de aprendizagem e autonomia na produção oral dos alunos de licenciatura intensiva em inglês**. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal do Pará, Belém. 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

HOLEC, Henry. **Autonomy in Language Learning**. Oxford: Pergamon, 1981.

LITTLE, D. **Autonomy: Definitions, Issues and Problems**. Dublin: Authentik, 1991.

Data de Recebimento: 03/11/2017 | Data de Aprovação: 16/12/2017